

CARTA ACF

Nº 3

O DESEJO É O DESEJO DO OUTRO

José Martinho

Lacan vai extrair da *Breve Introdução à Leitura de Hegel, a Dialética do Senhor e do Escravo*, de Alexandre Kojève, a fórmula «O desejo é o desejo do Outro».¹

É conhecida a importância que teve o Cap. IV, da secção A, da *Fenomenologia do Espírito* de Hegel – intitulado «Autonomia e Dependência da Consciência-de-si : Dominação e Servidão» – nas aventuras e avatares do pensamento contemporâneo, em Marx, Nietzsche, Kierkegaard, Sartre e muitos outros. É menos conhecida a importância que Lacan atribui à dialética do Senhor e do Escravo na elucidação de Freud, tanto ao nível do aprofundamento de conceitos como «desejo» e «angústia», da descrição clínica (em particular da neurose obsessiva), ou da antropologia geral que se pode deduzir da psicanálise.

Kojève começa por distinguir, em Hegel, o «Sentimento-de-si» que experimenta o animal enquanto elemento indivisível ou indivíduo da espécie, e a "Consciência-de-si" que caracteriza o homem enquanto a linguagem lhe dá a possibilidade de enunciar a palavra «eu».

¹ Tradução portuguesa de Pedro Jofre, Farândola, Paris, 1991

Mas aquele que diz «eu» – o sujeito suposto (*Selbst*) a quem a palavra vai conferindo a consciência (*bewusst*) de ser (*sein*) um ser consciente de si (*Sebstbewusstsein*) – apenas ex-siste como Desejo.

É o Desejo que chama a si, que coloca a virtualidade do Espírito em movimento em direcção do que o atrai, concretizando-o através da interiorização daquilo que era simples realidade externa.

É pela negação, a destruição da Coisa ou, melhor, a superação (*Aufhebung*) que a transforma em objecto (psíquico, de conhecimento, etc.), que o sujeito desejante se constitui como tal. Assim, para satisfazer o desejo de comer é necessário que o alimento seja destruído na sua forma externa, seja assimilado e passe a fazer parte da realidade interna, somatopsíquica do sujeito.

Concebido deste modo, o Desejo é um nada em acção, um vazio irreal - que Lacan explica pelo efeito do significante no real -, mas que cria o sujeito e o seu mundo.

Este Desejo que desprende o sujeito de tudo o que é naturalmente dado dirige-se sempre a um outro Desejo; o verdadeiro objecto do Desejo é, pois, um outro Desejo ou o Desejo do outro. É este que apela ao Desejo próprio, pelo dom da sua presença/ausência, ou pelas modalidades da troca.

Aquilo que o Desejo deseja é o reconhecimento de si como Desejo, o que apenas se pode realizar por intermédio de um outro desejante. Por exemplo, na relação entre um homem e uma mulher, o Desejo só se manifesta quando, para além da necessidade e do pedido de amor, cada um dos Desejos é reconhecido como objecto ou obstáculo do Desejo do outro.

Esta dialéctica do Desejo cria a subversão do sujeito enquanto todo idêntico a si mesmo. O verdadeiro sujeito, para Hegel, é um sujeito

não-fixo, que habita o tempo, um sujeito histórico, a história sendo história dos Desejos desejados.

O Reconhecimento histórico dos Desejos opera-se através do sentido e do valor que cada Desejo vai tomando para o outro. Para entender o que ocorre na multiplicidade dos Desejos, convém considerar, pelo menos, dois deles.

Se Hegel nos propõe a matriz da «dialéctica do Senhor e do Escravo» para o entendermos é porque, antes que o universal restitua ao ser humano a sua essência de sujeito, este entra fenomenologicamente numa relação imaginária, na qual a autonomia do Desejo é submetida à dependência, relativamente a tudo o que incarnará um poder (interno ou externo) para ele, e onde a morte surgirá como Senhor absoluto.

A morte é a fonte da angústia existencial que um qualquer traumatismo do nascimento ou separação das águas pode figurar. Todavia, não é esta morte que funciona na relação com o poder propriamente humano (político, religioso, familiar, intrasubjectivo, etc.), como mostra a luta de puro prestígio que se estabelece entre a consciência servil e a consciência dominadora.

Como Lacan explica ainda a partir de Kojève, a dependência real ocorre quando uma das partes cede sobre o seu Desejo, por medo de morrer. Mas como o Desejo está ligado à negação de todas as particularidades dadas, inclusive do próprio instinto de conservação, só aquele que arrisca a vida deseja efectivamente.

O que se passa na relação dual entre o Senhor e o Escravo é que a morte real não se pode concretizar, pois o combate e a história cessariam por falta de combatentes. Um terceiro – ou quarto – termo está presente: a morte como sinal de angústia face ao Desejo do outro: forma castrante sob a qual a morte imaginada vigora para o sujeito na

ordem simbólica que constitui a realidade socio-cultural do ser humano.

Neste sentido, Lacan corrige (cf. Esquema **L**) a proposta que o Desejo do Sujeito (**S**) se reduz ao «Desejo do outro», o pequeno **a** da relação imaginária com o *alter-ego*, **a'**, à imagem e semelhança do qual o *ego* e o corpo próprio se formam; para afirmar que ele é o «desejo do Outro», o grande **A** da ordem simbólica que institui a «Outra cena» do Inconsciente freudiano.

Ao nível imaginário – como mostra o obsessivo esperando a vida inteira pela morte do outro ² – a dialéctica do Senhor e do Escravo é um impasse da ambivalência narcísica. Mas quando se leva em conta a ordem simbólica que governa esta dialéctica – não só a arbitragem da morte anunciada, ou a submissão à norma vigente –, esta, como o pretende Hegel, apenas encontra uma saída no trabalho do Escravo (fonte, para o filósofo, de todo o progresso histórico).

Deste modo, a verdade do Senhor está no Escravo, na angústia que o obriga a trabalhar, pois é sobre o seu trabalho forçado que repousa, o verdadeiro reconhecimento histórico do desejo, bem como a transformação da matéria-prima em vista do consumo e da fruição.

No entanto, como explica Lacan no Seminário *O Avesso da Psicanálise*, Hegel e a sua posteridade enganam-se, quando pensam que o Escravo (**\$**), por medo do Senhor (**S1**) que o priva do reconhecimento do seu desejo, renunciou à satisfação, dado que o saber (**S2**) que o encadeia ao trabalho é a continuação, por outros meios, da procura do gozo. Ou seja: como a história prova, o aumento do tempo de trabalho e a acumulação do capital trouxeram sobretudo um extravio do gozo (**a**).

Assim, para os conformistas, como para os revolucionários, a posição do Escravo conduz à miragem do Senhor, por desconhecimento

² cf. Jacques Lacan: *O Mito Individual do Neurótico*. Trad. port Assírio & Alvim.

que a dominação é uma imagem invertida e falseada daquilo que ele quer ser.

O gozo sem o qual o universo seria vazio está interdito a quem fala, ao sujeito que segue a lei da linguagem e do desejo recalçado ou sublimado.

É por esta razão estrutural que a dialéctica do desejo não pode conduzir, como gostaria Hegel, à transparência do ser inteiramente consciente de si, isto é, ao Saber Absoluto, ao Fim-da-História e à Satisfação plena e completa. O processo dialéctico deixa um resto: o objecto perdido que **causa** interminavelmente o desejo.

Foi ao resíduo da força de trabalho do Escravo industrial, o Proletário, que Marx, na sua esperança de suprimir a alienação, chamou «mais-valia», mas é à réstia de gozo que sobra de toda a privação real, frustração imaginária e castração simbólica que Lacan chama, no sentido negativo e afirmativo do termo, ***plus-de-jouir***.